

“NÓ NA GARGANTA”, DE MIRNA PINSKY: PROPOSTA DE LEITURA E PRODUÇÃO TEXTUAL

Melissa Cordeiro da Silva ¹

RESUMO

Diante da necessidade e importância de trabalhar o texto literário em sala de aula, surge a reflexão de como tornar a leitura de um livro interessante e significativa para alunos dos anos finais do ensino fundamental. A troca de experiência em sala de aula possibilitou constatar que a leitura literária não é atrativa, não pertence ao universo desses adolescentes, que muitas vezes só acontece por meio da obrigatoriedade. Esse texto descreve uma proposta de leitura e produção textual realizada em duas turmas do 6º ano do ensino fundamental, com o livro “Nó na garganta”, de Mirna Pinsky. Passamos por algumas etapas como: sondagem sobre o que esperavam da obra, leitura compartilhada em sala de aula, leitura individual de alguns capítulos, roda de conversa e uma produção textual apresentada em história em quadrinhos ou no aplicativo Gacha Life. Essa experimentação também visou envolver a utilização de recurso visual, já que os alunos iriam expor para a turma a sua forma de ver o texto não só com palavras, mas com o desenho produzido na HQ ou no vídeo do aplicativo. Além disso, seria uma estratégia para usar o celular como instrumento de aprendizagem. Essa experimentação de leitura se fundamenta ao que é proposto pela Base Nacional Comum Curricular – BNCC (2018), Cosson (2014), Cafiero (2010) e Oliveira (2010).

Palavras-chave: Leitura literária; Produção textual; Sala de aula.

INTRODUÇÃO

Trabalhar o texto literário em sala de aula não é uma tarefa fácil. A realidade é que não temos leitores assíduos e que para colaborar com a formação do leitor literário é necessário considerar que o contato com o livro físico não é algo atrativo para os adolescentes. Esses jovens pertencem a uma geração tecnológica, já nasceram inseridos no universo da internet, da tecnologia, da praticidade. Para eles, tudo tem que ser prático, dinâmico, rápido – o que torna descontextualizada a atividade de ler espontaneamente, de saborear um livro.

No contexto da realidade escolar, o contato com a obra literária é objeto de avaliação, e essa obrigatoriedade torna o processo ainda menos atrativo. Quando se parte para a prática, dentro do cronograma letivo, nem sempre há tempo apenas para ler para

¹ Graduada pelo Curso de Letras da Universidade Federal de Alagoas- UFAL, melissacordeiro@hotmail.com.

conversar, para sentir, para relacionar... O ato de ler é “cronometrado” e está ligado a uma solicitação que virá após a leitura. Então, o aluno, além de não gostar da ideia de ler um livro inteiro, ele já sabe que aquela experiência resultará em algum trabalho, em alguma atividade, ou produção textual que, na maioria das vezes, limita-se a um resumo.

Oliveira (2010, p. 279) pontua que

“quando o trabalho com a literatura, entre o sexto e o nono anos, resume-se à leitura do texto preestabelecido no material didático com a finalidade de resolver exercícios, o livro sai de cena e o ensino de literatura vira resolução de tarefas”.

A observação e tentativa de abordar esse tema em alguns de seus trabalhos, permitiu que Oliveira (2008) constatasse e tentasse fugir dessa realidade, e fez com que a autora refletisse sobre “possíveis estratégias e perspectivas de aproximação efetiva do texto, de forma a permitir um corpo a corpo com a palavra literária na sala de aula” (2010, p. 277). De acordo com a autora mencionada (2010, p.277), “para se experimentar um texto, é necessário, por um lado, colocar a atenção nos sentidos da palavra e, por outro, abrir ao texto os sentidos do corpo de quem o recebe”. Essa ideia de promover o corpo a corpo com o texto se encaixa ao conceito de leitor literário, já que – ao sentir, comentar, questionar e relacionar o texto – o aluno está se firmando como leitor crítico, que tenta compreender e se posicionar.

Em meu ambiente de trabalho, tento observar a prática da leitura entre os alunos nas situações extraclasse e pude constatar que a frequência é maior nos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental. Seja antes ou depois das aulas e até mesmo no intervalo, não é raro encontrá-los com livros, histórias em quadrinhos ou revistas, seja individualmente ou em pequenos grupos. Já nos alunos dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, a frequência é consideravelmente inferior.

Essa constatação poderia ser irrelevante se pensássemos que talvez os outros alunos preferissem ler em casa e aproveitar os momentos vagos, na escola, para conversar e aproveitar os colegas. No entanto, em conversas informais ou propostas em aula, os alunos declaram não ter familiaridade com a leitura literária e até mesmo colocam que, no dia a dia, o contato com a leitura acontece pelo que encontram nas redes sociais utilizadas. Alguns demonstram interesse por fanfics, outros buscam informações para acompanhar o desempenho do time de futebol ou de personalidades que admiram.

Para colaborar nessa discussão, considera-se relevante a argumentação de Cafiero (2010, p. 85), ao afirmar que é preciso tomar a leitura como objeto de ensino e sustentar o argumento focando em dois pontos: *1- a leitura é um processo de muitas facetas diferentes; 2- ações sistematicamente organizadas podem contribuir para que o aluno leia melhor.*

Sobre o primeiro ponto, Cafiero (2010, p. 85-86) declara que

a leitura é um processo cognitivo, histórico, cultural e social de produção de sentidos. Isso significa dizer: o leitor – um sujeito que atua socialmente, construindo experiências e história – compreende o que está escrito a partir das relações que estabelece entre as informações do texto e seus conhecimentos de mundo.

É possível relacionar essa abordagem ao posicionamento de Cosson que considera que o letramento literário se diferencia dos outros tipos de letramento, já que a literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, sendo que cabe à literatura “[...] tornar o mundo compreensível transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas” (COSSON, 2014, p.17)

Em relação ao segundo ponto apresentado por Cafiero, a autora aborda que “existem formas para ensinar o leitor iniciante a aumentar a competência em leitura ao longo da vida, isto é, o ensino de leitura não é uma etapa pontual que se esgota na alfabetização” (2010, p. 88). Além disso, discorre que o caminho para uma boa aula de leitura começa com o planejamento, e que ações sistemáticas podem ampliar o grau de letramento do aluno, contribuindo para sua formação como leitor crítico.

Diante da necessidade e importância de trabalhar o texto literário em sala de aula, surgiu a reflexão de como tornar a leitura de um livro interessante e significativa para alunos dos anos finais do ensino fundamental. Não foram poucas as dúvidas acerca de como trabalhar uma proposta de leitura que possibilitasse uma aprendizagem mais contextualizada e significativa; e ainda mais, que colaborasse com a formação do leitor literário. E como eu não podia fugir de uma estratégia avaliativa, tentei aproximar a produção textual a algo do interesse dos alunos que seria história em quadrinhos ou uma produção no aplicativo Gacha Life ² – que conheci através deles.

A proposta de produção com o Gacha Life foi uma estratégia para usar o celular como instrumento de aprendizagem e relaciona-se ao que é incentivado pela BNCC (2018) ao promover a mobilização de “práticas da cultura digital, diferentes linguagens, mídias e

² Aplicativo que permite que os usuários criem personagens de anime e interajam com eles em vários cenários.

ferramentas digitais para expandir as formas de produzir sentidos (nos processos de compreensão e produção), aprender e refletir sobre o mundo e realizar diferentes projetos autorais.”

Esse texto relata uma proposta de leitura e produção textual realizada no 2º semestre de 2019, em duas turmas de 6º ano do ensino fundamental, em uma escola da rede privada, em Arapiraca-AL. Para isso, foi escolhida a obra “Nó na garganta”, de Mirna Pinsky, com ilustrações de Andrea Ramos, que mostra situações vividas por Tânia, uma menina de 10 anos, negra e pobre, que sofre racismo e, diferentemente dos seus pais que aceitam a discriminação, começa a refletir e se revoltar.

METODOLOGIA

A proposta aqui apresentada teve caráter essencialmente qualitativo, com ênfase no protagonismo do aluno, na experimentação de leitura e produção com a obra selecionada.

A metodologia deste trabalho teve como inspiração a sequência básica de letramento literário proposta por Cosson (2012), que sugere que o contato com o texto literário é constituído por quatro passos: motivação, introdução, leitura e interpretação. Essa sequência básica foi adaptada à realidade em questão e dividida nas seguintes etapas:

1. Motivação – sondagem:

Em um primeiro momento, fizemos a leitura da capa, observamos os detalhes, título, nome da autora, ilustração e os alunos foram provocados a dizer o que pensavam sobre uma história intitulada “Nó na garganta”, o que esperavam que acontecesse, qual seria a relação do título com a menina ilustrada na capa, qual ideia se aproximaria da história contada pelo livro.

2. Rodas de leitura

Depois do levantamento de hipóteses acerca do conteúdo da obra, foram promovidas rodas de leitura. Além da leitura compartilhada, os alunos tinham espaço para colocar suas impressões e posicionamentos em relação ao texto.

3. Leitura individual

Para que a prática da leitura ultrapassasse o espaço escolar, alguns capítulos foram selecionados para que a leitura fosse realizada individualmente.

4. Atividade de interpretação

Após discutirmos e finalizarmos a leitura, foi realizada uma atividade escrita de um suplemento que veio com o livro.

5. Produção – HQ ou aplicativo Gacha Life

A materialização dessa experiência foi uma produção realizada em formato de HQ ou vídeo no aplicativo Gacha Life – o aplicativo permite que os usuários criem personagens de anime e interajam com eles em vários cenários. O aluno selecionaria o meio que preferisse e colocaria nessa produção a sua forma de ver o texto trabalhado, destacando os principais momentos.

6. Avaliação da experiência

A finalização da experiência se deu com uma conversa em que os alunos relatavam e avaliavam o processo de leitura e produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

- É que eu sou preta e eles não perdoam. É que tem uma raiva dentro deles por gente preta como eu. Não é só eu. É tudo quanto é preto. E daí, quando a gente faz qualquer coisa errada ou desagrada, lá vem pauleira da grande por cima. Maior do que se a gente fosse branca, muito maior. É que eles acham a gente diferente. Mas diferente para pior. Como se fosse uma vergonha ser preta. E eles jogam isso na cara da gente: olha, você é preta, você vale menos. (PINSKY, 2009, p. 71)

Quando começamos a sondagem sobre o que esperavam da obra, houve quem reclamasse pelo fato de o livro ter 88 páginas, alegando que era muita coisa. Boa parte das turmas, em nossas conversas, declarou não ter contato com o texto literário, que só lê em véspera de prova, outros disseram que estudam para as provas por meio de vídeo aula. Se eles não dedicam tempo para ler para estudar, quanto mais tempo para ler um livro literário!

Diante dessa realidade, *Nó na garganta* foi escolhido por apresentar um tema forte de necessária discussão, o racismo e desigualdade social, e uma realidade diferente da que é vivida pelos alunos envolvidos – pelo menos, em termos de condição financeira. Mas se aproximava por contar a história de uma menina com idade igual ou próxima a deles.

Além de incentivar a prática da leitura literária, a história de Tânia, protagonista da obra, nos permitia contextualizar, trazer a ficção para a realidade, voltar nosso olhar para uma realidade que não nos pertencia e, talvez, com isso, alcançar uma experiência significativa.

Nos momentos de roda de leitura, nem era preciso solicitar suas impressões. Espontaneamente, entre um capítulo e outro, os alunos se posicionavam sobre o que

gostaram, o que não gostaram, o que podiam relacionar à realidade e o desfecho que desejavam.

Dos capítulos que foram selecionados para serem lidos fora da sala de aula, alguns deles eram detalhes de capítulos já lidos em sala, enquanto outros, podemos dizer que, representavam o clímax de algum acontecimento, e quando se tratava desses mais emocionantes, os alunos já chegavam, no dia seguinte, comentando e expondo suas impressões.

Inicialmente, não pretendia solicitar a atividade do suplemento que veio com o livro, mas mudei de ideia e selecionei alguns tópicos ao perceber que as turmas demonstravam envolvimento com a leitura proposta e as questões pontuadas iam além da compreensão do enredo, solicitavam impressões e posicionamentos sobre coisas como a discriminação racial exposta na obra e a prática de apelidar os colegas, como é possível observar nos exemplos a seguir:

Alguns questionamentos do suplemento de leitura do livro *Nó na garganta*

- Na sua opinião, que fatos contribuíram para que Tânia não gostasse de ser negra?
- E você, tem algum apelido? Qual? É um apelido carinhoso ou depreciativo? Como você se sente quando é tratado por esse apelido?
- O que você acha dessa prática que algumas pessoas têm de colocar apelidos nas outras? Você concorda ou discorda? Por quê?
- O ambiente revela também as diferenças sociais. A esse respeito, responda:
 - a) A quem pertencem as casa grandes e confortáveis na região?
 - b) Que papel desempenham as pessoas pobres nesse ambiente?
- Releia as seguinte frases extraídas do texto:
 - "[...] preto, quando não suja na entrada, suja na saída." (p.34)*
 - "[...] diziam que coisa mal feita era 'trabalho de preto'." (p.34)*
 - a) O que frases como essas revelam?
 - b) Você conhece outras expressões que demonstram preconceito racial ou social? Quais?
 - c) Você já havia parado para refletir a respeito dessas frases e percebido que elas preconceituosas?

Alguns alunos puderam se colocar no lugar da personagem principal e na atividade escrita contaram que dói ser apelidado quando é uma brincadeira maldosa, houve quem

falou passar por situações desconfortáveis seja com apelidos, brincadeiras de mau gosto ou até mesmo ser excluído por estar acima do peso, por ser de baixa estatura, pelo cabelo crespo e até mesmo por tirar sempre notas boas.

Um fato interessante: por mais que relatassem alguma situação desconfortável, eles reconheciam que nada se comparava às humilhações sofridas por Tânia e, possivelmente, por quem passa o mesmo tipo de constrangimento. Compreenderam que o que acontecia com Tânia, poderia acontecer com qualquer pessoa negra, mais ainda se é negra e pobre. Demonstraram o desejo de que a história tivesse um desfecho feliz, em que a família de Tânia vencesse a dura realidade do preconceito e conseguisse mudar de vida.

Após finalização da leitura e entrega das produções, conversamos sobre como foi nossa trajetória com o livro. Quase todos os alunos envolvidos quiseram falar e pontuar o que gostaram e o que foi mais difícil. Para aqueles que realmente não têm/tinham hábito de leitura, ler em casa foi a parte mais complicada, outros tiveram dificuldade para organizar as ideias e produzir.

Sobre trabalhar com HQ ou Gacha Life, justificaram a escolha por interesse de desenhar ou fazer pelo celular, ou pelo que consideraram mais prático. Apesar de materializarem sua visão sobre o texto de forma trabalhosa – HQ ou o aplicativo –, acharam a proposta interessante e diferente do que já tinham feito em outras produções, até porque era de conhecimento das turmas que o Gacha me foi apresentado por alguns alunos e isso colaborou com a decisão da atividade proposta.

Quem não realizou a produção, quando questionado o motivo, disse que foi por falta de tempo, por achar difícil, por achar mais prático um resumo simples e teve quem admitisse “falta de coragem”.

Independentemente da escolha em fazer ou não fazer, ou do suporte selecionado, ao expor e comentar as produções, eles mesmos reconheceram o talento e a criatividade que possuem e que é possível observar nas imagens a seguir:

Imagem 1 - 4: Recortes de vídeos produzidos pelos alunos no aplicativo Gacha Life.

Fonte – a pesquisa.

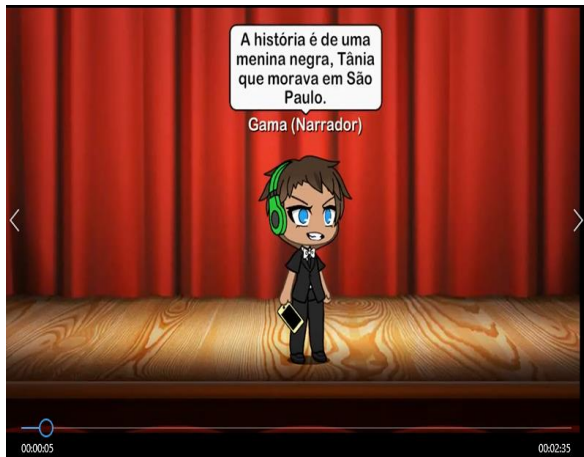


Imagem 1

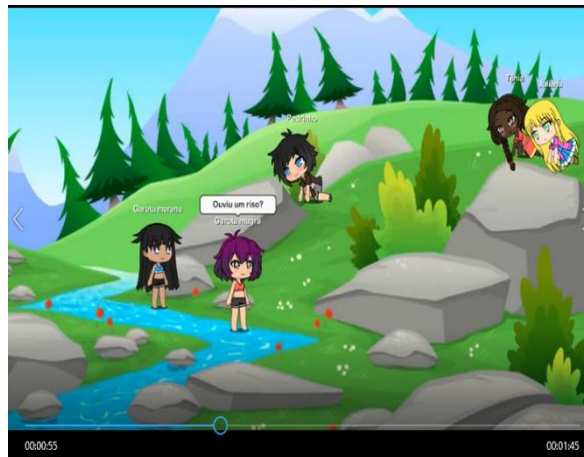


Imagem 2



Imagem 3

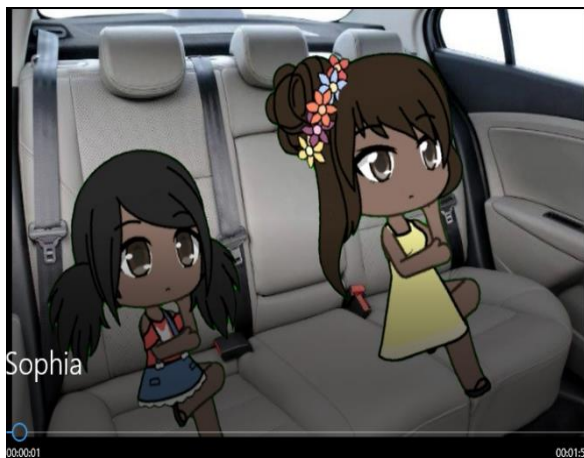


Imagem 4

Imagem 5 - 8: HQs produzidas pelos alunos. Fonte – a pesquisa.



Imagem 5

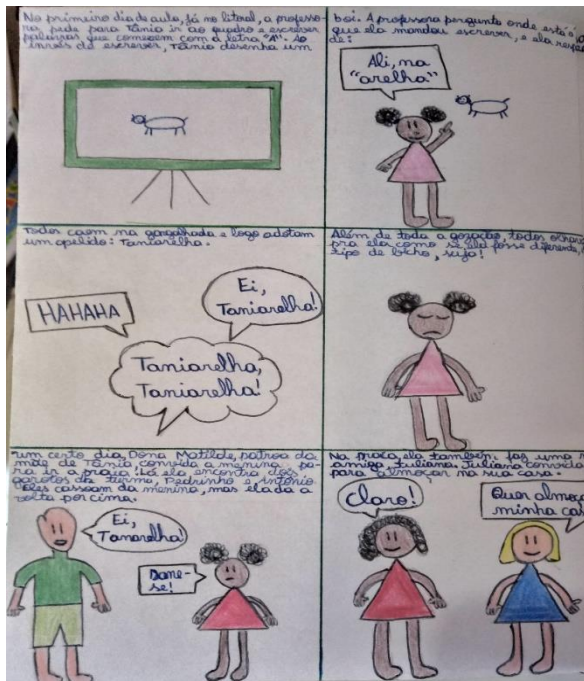


Imagem 6



Imagem 7



Imagem 8

Outra coisa pontuada foi o tema da obra, que julgaram importante e que reconheceram que muitas vezes o que é brincadeira para uns, pode ser motivo de sofrimento para outros.

Quando as produções foram exibidas em sala, ao observarem os trabalhos dos colegas, surgiram elogios e observações sobre a criatividade, o que foi escolhido para retratar, os resultados diferentes. E essa atitude é algo que não era costumeiro nessas turmas de 6º ano, antes surgiam provocações e brincadeiras com o que os colegas faziam. Foi perceptível o interesse em ver o que o outro tinha produzido e de que a sua produção fosse vista pelos demais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa abordagem com a obra *Nó na garganta* foi possível compreender que a literatura, além de nos proporcionar o prazer em ler, cumpre função social. Ela não tem “obrigação” com a realidade, não precisa ser fiel à vida real, mas também pode ser um retrato do que se passa na sociedade, e nos permitiu a contextualização e a reflexão sobre temas relevantes.

Esse resultado e a perspectiva de leitor crítico reforçam a ideia de que são necessárias práticas pedagógicas com o intuito de proporcionar o contato dos alunos com a obra literária, a partir de planejamento e ações sistemáticas.

A atividade com o celular fez com que os alunos percebessem outra função para esse aparelho, que geralmente tem seu uso focado no acesso a redes sociais e jogos, e despertou para o fato de que eles podem utilizar essa ferramenta em muitas outras situações.

Pela maneira como os alunos problematizaram o que acontecia no enredo e como estabeleceram comparação com a realidade, é possível inferir que o resultado desse processo foi bastante significativo, o que nos levou a atingir o objetivo proposto. Obviamente não foi possível atingir a todos os alunos das duas turmas envolvidas, houve quem só realizou a leitura em sala e não fez a leitura em casa, também quem não quis fazer a produção textual, nem no aplicativo nem em HQ. Mas o feedback geral evidenciou que as turmas foram produtivas, que a leitura foi prazerosa a ponto de promover discussões proveitosas e despertar o interesse em produzir sobre o livro.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEF, 2018.

CAFIERO, Delaine. **Letramento e leitura: formando leitores críticos**. In: Rangel e Rojo (Coord.). **Língua Portuguesa : ensino fundamental**. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010. 200 p.: il. (Coleção Explorando o Ensino; v. 19)

COSSON, Rildo: **Letramento literário: teoria e prática** / 2. ed., 4ª reimpressão. -São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. **Corpo a corpo com o texto literário**. Disponível em http://www.abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/030/ELIANA_OLIVEIRA.pdf, 2008.

OLIVEIRA, Eliana Kefalás. **Leitura, voz e performance no ensino de literatura**. Disponível em: Signótica, Goiânia, v. 22, n. 2, p. 277-307, jul./dez. 2010.

PINSKY, Mirna. **Nó na garganta**; ilustrações: Andréa Ramos. – 53 ed. – São Paulo: Atual, 2009. (Entre linhas: Cotidiano)